
ENTREVISTA

DOROTHÉE DE BRUCHARD

Entre Roger Bastide e Albert Cossery, suas últimas traduções, e os quadrinhos de Moebius, sua primeira (ao menos profissionalmente), são 24 anos de tradução, com passagens significativas por Baudelaire, Cendrars e Schwob. Ao que parece, Dorothée de Bruchard, talvez pelo fato de ser bilíngüe (é filha de franceses), sempre esteve envolvida com as questões da linguagem, sobretudo a tradução. Assim, é diplomada em Letras, com mestrado em Literatura Comparada, estudou inglês, espanhol e italiano, tem uma significativa trajetória como editora, embora prefira falar, romanticamente, de “aventuras editoriais” do que, propriamente, de uma carreira de editora.

Fato indiscutível é que suas aventuras têm dado bons frutos, quase sempre relacionados à tradução, como não poderia deixar de ser, pois mesmo quando edita, Dorothée de Bruchard está envolvida com a questão da tradução. Foi assim com a extinta Editora Paraula, entre 1992 e 2000, cujo principal objetivo era produzir e publicar traduções de qualidade, sempre em edições bilíngües, com uma valorização proposital do trabalho do tradutor, visto que os direitos autorais da tradução permaneciam propriedade dos tradutores. A Paraula publicou traduções de Kafka, Poe, Swift, Baudelaire, Mallarmé, Proust, Schopenhauer, entre outros. Dorothée de Bruchard traduziu alguns títulos, e, quando não, coordenava e revisava todas as outras traduções. A Paraula instituiu um espaço não só de produção, mas de discussão da tradução e do trabalho do tradutor, tornando-o visível. Inovou também com as edições bilíngües para prosa, fato raro no universo editorial brasileiro.

Atualmente, através da ONG que criou, o *Escritório do Livro*, dedica-se à promoção do livro, tendo editado, recentemente, em parceria com o Núcleo de Tradução da UFSC, os livros *Memória*

de Tradutora, com Rosa Freire d'Aguiar e *Memórias de um tradutor de poesia*, com Geraldo de Holanda Cavalcanti.

Como tradutora, seu leque de atividades inclui ensaios, artigos, teses, legendas de filmes, quadrinhos, entre outros, mas é, fundamentalmente, uma tradutora de literatura. Traduziu grandes títulos da literatura francesa como os *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire, *A Cruzada das crianças*, de Marcel Schwob e *Morravagin*, de Blaise Cendrars.

Cláudia Borges de Faveri
UFSC

Cadernos de Tradução (CT): *Você fundou em Porto Alegre a Editora Paraula e publicou obras bilíngües. Como era feita a escolha das obras a serem traduzidas e por que as publicou bilíngües?*

Dorothee de Bruchard (DB): O objetivo da Paraula era criar, dentro do universo editorial, um modesto mas sólido espaço privilegiado de produção e discussão da tradução, de valorização do trabalho do tradutor. Daí a escolha de textos clássicos, de qualidade incontestada, indiscutível – o que importava de fato era a qualidade da tradução e o diálogo que, através dela, esse texto podia estabelecer entre duas línguas e culturas. A opção pela edição bilíngüe vem reforçar este foco, já que permite ao leitor participar do processo.

Existem edições bilíngües no Brasil, mas elas em geral se atêm à poesia, onde a tradução exige um bocado de liberdades, para recriar, ou segundo alguns, transcriar, o texto. A Paraula fazia edições bilíngües, trilingües, de prosa. Creio que valorizava a obra em prosa, a tradução da prosa, o próprio trabalho do tradutor. Já me perguntaram se isso podia dificultar o ato de traduzir, se o tradutor não se sente mais vulnerável, exposto à crítica do leitor. Pela minha experiência, acho que não. É claro que sempre existe a possibilidade de um leitor não se conformar com uma solução, e discutir isso com o tradutor. Isso me aconteceu com um poema em prosa do Baudelaire, um leitor chegou a me escrever para discor-

dar de um adjetivo. Mas, por outro lado, quando o autor comete o que consideraríamos uma falha, como repetições, rimas internas, ou mesmo frases meio crípticas, o tradutor não se sente tentado a corrigi-lo, temendo que o texto em português fique ruim, que sua tradução é que acabe sendo criticada: está lá o texto original.

CT: Você criou o Escritório do livro que agrega pessoas interessadas no estudo e promoção do livro em seus múltiplos aspectos. Poderia apresentar a Coleção Memória do Livro?

DB: A Coleção Memória do Livro se propõe a contribuir para o registro da história editorial brasileira (que é uma área de estudo bastante recente no Brasil, e na qual há muito a pesquisar e realizar), através dos depoimentos de diversos de seus personagens. Entrevistamos representantes dos diversos ofícios do livro, cuja trajetória é depois apresentada em forma de narrativa na primeira pessoa. Há uma coisa nessa coleção que de início não percebi, mas da qual hoje me dou conta claramente, que é a influência da coleção Editando o Editor, idealizada e concretizada pela Profa. Jerusa Pires Ferreira na Edusp. Lindíssima idéia a dela, li todos os volumes.

Nossa Coleção Memória do Livro não quer, contudo, se ater aos editores, pelo contrário. Gostaria de valorizar personagens menos conhecidos do processo, e que têm histórias riquíssimas para contar: livreiros, bibliotecários, gráficos...

CT: Como iniciou a sua carreira como editora. Qual o marco inicial dessa trajetória?

DB: Não sinto que eu tenha uma “carreira como editora”. Nunca, na verdade, pensei em ser editora. Tive algumas aventuras editoriais, editei alguns livros, tanto pela Paraula como pelo Escritório do Livro. A Paraula nasceu em torno de idéias de tradução e a repercussão desse trabalho, em âmbito de imprensa nacional, até hoje

me surpreende. O que resultou numa faca de dois gumes: a editora acabou fechando porque cresceu muito mais do que devia.

Com o orçamento apertadíssimo da Paraula, não tendo como pagar funcionários, tive de aprender um pouco de editoração para dar forma àqueles livros. Era algo que me mobilizava muito, porque além de não entender nada do assunto, não gostava muito do aspecto gráfico dos livros brasileiros (que melhoraram 1000% de lá para cá, diga-se). Tive de ir atrás, estudar (em geral em livros estrangeiros), pensar muito no assunto.

Daí ter surgido, anos depois, o Escritório do Livro, que tem no cerne de suas preocupações o objeto livro, sua história, suas técnicas. Mas, de novo, é mais um espaço de pesquisa, de encontro, do que propriamente uma editora. Cada livro que edito é um pouco um milagre, um acontecimento.

CT: Você acha que as teorias ajudam a traduzir melhor? Você segue alguma teoria?

DB: Talvez as teorias ajudem a traduzir melhor. Mas li e leio pouco, muito pouco, sobre tradução. Imagino que seja um erro, mas, como todo ignorante, fico achando que não me faz falta.

CT: Como você vê o papel da crítica atual sobre tradução?

DB: A crítica literária já é algo meio ausente hoje no Brasil, imagina então crítica da tradução. No mais das vezes, ignora-se a própria existência da tradução. Acho bacana quando certos “críticos” chegam a elogiar o “estilo fluido” do autor! Ou quando resolvem mostrar perspicácia e apontam “o” erro no meio de tantos acertos, ou em duas linhas, *en passant*, proferem a sentença: a tradução é excelente, ou péssima.

Agora, há que reconhecer que é difícilimo fazer uma crítica de tradução que não se limite a um monótono desfiar de erros, acertos

e constatações. Não sei se a crítica conseguiria de fato transpor as fronteiras do espaço acadêmico e chegar ao público leitor de jornais e revistas sem se tornar maçante e repetitiva. Mas poderia, deveria haver na imprensa menção sistemática à tradução, ao tradutor, maneiras leves de não deixar ninguém esquecer a diferença entre texto original e texto traduzido, entre uma tradução e outra. Se o nome do tradutor aparecesse no texto da resenha, por exemplo, e não entre parênteses ao lado do preço e do número de páginas; se a própria palavra “tradução” constasse nesta resenha (*Editora tal lança tradução do clássico tal*, ao invés de *lança clássico tal*) já seria um passo enorme para a visibilidade. O mesmo se aplica, aliás, à apresentação gráfica do livro, ao trabalho do designer gráfico – a estética do livro no Brasil se reduz em geral à capa, e no entanto, o miolo não surge sozinho, se temos mais vontade de ler certos livros do que outros é em parte porque “alguém” fez ali um trabalho bem feito. O design gráfico, reparem, não deixa de ser um legítimo trabalho de tradução...

CT: Você ganhou uma Bolsa para tradutores estrangeiros na França, como foi a sua estada?

DB: Essa bolsa do governo francês não se vinculava a nenhum curso ou projeto, era simplesmente um prêmio por ser tradutor. Isso em si já é o máximo. Passei dois meses na França, dos quais três semanas em Arles, no Collège International des Traducteurs Littéraires – uma residência que acolhe tradutores do mundo inteiro, oferecendo além de hospedagem barata, um bom espaço e material de trabalho (computador com internet, biblioteca etc). O contato com vários tradutores de tantos lugares diferentes foi uma experiência excepcional em todos os níveis. Além da oportunidade de conhecer a realidade “tradutória” de diversos países, é um verdadeiro exercício de auto-estima profissional. Traduzir é um ofício solitário e trata-se em geral, no Brasil e em muitos países, de um subemprego, de um hobby, de uma atividade paralela. Todos

aqueles tradutores reunidos numa pequena cidade, de vida cultural intensa, sendo identificados como tal pelos moradores, é no mínimo gratificante. Como éramos três brasileiras naquele momento, o pessoal do Collège organizou uma “noite brasileira”, com uma mesa-redonda intitulada “Traduzir no Brasil”, a que assistiram umas 40 pessoas de Arles e das redondezas. Imagina!

CT: Você acredita que as traduções no Brasil estão melhorando?

DB: Há, sem dúvida, uma mudança de postura em relação à tradução e ao texto traduzido. Já é quase inadmissível entre as editoras, por exemplo, a tradução indireta como era comumente praticada até poucos anos atrás, ou a publicação de um livro que não mencione o tradutor. Mas ao mesmo tempo, como nosso domínio de leitura, de língua escrita, piorou nas últimas décadas e continua piorando assustadoramente, fica também mais difícil encontrar alguma estética ou mesmo competência textual, em qualquer tipo de texto, e evidentemente no texto traduzido.

Outro aspecto é que temos hoje acesso a instrumentos que facilitaram muito o trabalho do tradutor (dicionários eletrônicos, glosários on-line e Dr. Google, além de contato facilitado com especialistas do mundo inteiro, com autores, outros tradutores) e permitem mais precisão, qualidade. Temos a comodidade de traduzir no computador, enviar tudo ao editor sem precisar imprimir, ir ao correio. Economiza-se energia e dinheiro, ganha-se muito tempo.

O problema é que o tempo ganho, em vez de ser investido em qualidade, é investido em quantidade. E o que poderia servir a um melhor nível de texto acaba tendo o efeito contrário. Junto com essas facilidades, instalou-se uma pressa insana, permanente, uma ansiedade absolutamente incompatível com o trabalho intelectual, e que toma conta de todas as etapas da produção de um livro. Já não se investe em concentração, cuidado, diálogo com os outros envolvidos no processo (revisor, editor...). O resultado final só pode se ressentir com isso.

Recentemente, traduzi uns textos curtos do Balzac para a L&PM, que está reeditando a *Comédia Humana*. A iniciativa é super bacana, e está sendo muito bem encaminhada pelos editores. É inevitável, no entanto, compará-la com a edição da Editora Globo, durante os anos 1950, dirigida pelo Rónai (que relata a história desta imensa tradução coletiva no seu livro *A Tradução vivida*). Levou quinze anos para acontecer, mas esta edição, que se tornou referência internacional, tem uma consistência, uma solidez que dificilmente se poderá repetir, mesmo com o apoio do computador, da internet, e do xerox (que nos permitiu consultar a própria edição da Globo). Tenho a impressão de que um estudo comparativo dessas duas edições, ambas empreendidas, curiosamente, por editoras gaúchas, e com meio século de intervalo entre elas, resultaria num riquíssimo estudo, em diversos níveis, principalmente no que se refere à mudança brutal da nossa mentalidade e postura intelectual.

CT: *Como é a relação de uma editora com os tradutores?*

DB: Há muitas editoras, muitas situações, muitas variantes, inclusive individuais. Mas, resumindo e generalizando, o tradutor é mal remunerado e não tem estabilidade. Portanto, é pouco valorizado e está fatalmente em posição de fragilidade. Falo do tradutor profissional.

CT: *Você traduz essencialmente da língua francesa. Já pensou em traduzir autores africanos?*

DB: Sim, claro. Pela Paraula, isso era meio impensável porque só traduzíamos clássicos de domínio público. Se cogitou publicar a tradução de uma coletânea de contos orais da Costa do Marfim, mas a idéia não foi adiante por parte do escritor/coletor dos contos. Nos últimos anos, como tradutora, tenho traduzido o que as edito-

ras me pedem. E traduzi recentemente para a Editora Conrad um livro de Albert Cosseray, autor egípcio radicado em Paris, que eu desconhecia e que me seduziu completamente.

CT: Você traduziu grandes nomes da literatura francesa como Baudelaire, Mallarmé, Proust etc. Qual deles você considera o mais difícil de ser traduzido e qual você ainda não traduziu e gostaria de traduzir?

DB: Não creio que haja autor mais difícil, ou mais fácil. Cada autor ou texto tem lá suas especificidades, suas armadilhas, suas delícias, seus caminhos, e a gente acaba entrando neles. Não lembro de ter traduzido um “autor difícil”. Lembro de ter levado mais tempo para entrar nos caminhos do autor. Ou lembro de textos que me tocaram menos que outros. Não existe um autor que eu gostaria, especialmente, de traduzir. Seriam muitos. E gosto de ser chamada a traduzir um autor que eu não escolheria, que desconheço. Essa surpresa, descoberta, é um dos aspectos bonitos deste ofício. Estamos falando de literatura. Tenho muito mais dificuldade, mais resistência, e menos competência, para traduzir ensaios, em qualquer que seja a área. Me dá muito menos prazer.

CT: Você figurou entre os finalistas do Prêmio Jabuti 2004 na categoria Tradução, com o livro Morravagin de Blaise Cendrars, publicado pela Companhia das Letras. O que este livro tem de especial para você? Considera que é uma das suas melhores traduções?

DB: Não sei se existe algo como minha melhor tradução, nem saberia avaliar isso. Sei dizer que este texto do Cendrars não foi o que mais gostei de traduzir. Mas foi um trabalho especial, porque foi o primeiro, talvez o único, que fiz em diálogo permanente com toda uma equipe editorial: em primeiro lugar o Carlos Augusto

Calil, organizador do volume, que reviu toda a tradução e discutiu comigo os problemas. Houve diálogo também com a Marta Garcia, a editora, e várias outras pessoas da Companhia das Letras. Também revi a preparação de texto. Quando o livro ficou pronto, foi uma emoção ter em mãos um objeto que resultava de um trabalho conjunto de fato, em que várias pessoas participaram ativamente, dialogadamente.

Esse trabalho também foi diferente dos outros, para mim, pelo fato de eu ter colocado muitas notas. Foram mais de 80. Houve além disso notas do Calil, do editor, dos tradutores técnicos. Em geral, gosto de notas de tradução, notas que trazem informações e de certa forma traduzem culturas, mas nunca tinha colocado tantas. O texto do Cendrars tem muito intertexto, muitas referências geográficas, históricas, culturais, eu ia pesquisando por curiosidade e acabaram virando notas compartilhadas com o leitor.

O engraçado é que essas notas foram mencionadas em todas as resenhas, até desconfio que a elas é que se deve a indicação ao Jabuti. Aliás, já reparei que, em várias resenhas de livros traduzidos, enquanto a tradução passa despercebida como se o texto tivesse sido escrito em português, as notas, os glossários, ou mesmo o eventual prefácio do tradutor são sempre mencionados e elogiados. Como se, através desses “apêndices”, o trabalho do tradutor, inapreensível, ganhasse uma via de acesso visível, concreta e pudesse finalmente ser notado.

Entrevista concedida a Andréia Guerini e Marie-Hélène C. Torres
UFSC

ANEXO**LIVROS TRADUZIDOS**

Bastide, Roger. *O Sagrado Selvagem*. [Por: Dorothee de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (*Le Sacré Sauvage*). Ensaaios.

Baudelaire, Charles. *Pequenos poemas em prosa*. 2. ed: 1996. [Por: Dorothee de Bruchard]. Florianópolis: Editora da UFSC/Aliança Francesa, 1988. Introdução e notas de Dorothee de Bruchard. (*Petits poèmes en prose*).

Cendars, Blaise. *Morravagin & O fim do mundo filmado pelo Anjo de N. D.* [Por: Dorothee de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Com notas. Finalista do prêmio Jabuti de tradução em 2004. (*Moravagine & La fin du monde filmée par l'Ange de N.D.*)

Cossery, Albert. *Mendigos e Altivos*. [Por: Dorothee de Bruchard]. São Paulo: Conrad, 2006. (*Mendiants et orgueilleux*). Romance.

Fontaine, Joëlle & Simaan, Arkan. *A Imagem do mundo*. [Por: Dorothee de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (*L'image du monde, des Babyloniens à Newton*).

Mallarmé. *Prosas de Mallarmé (Autobiografia, Poemas em Prosa, Contos Indianos)*. [Por: Dorothee de Bruchard]. Florianópolis: Paraula, 1994. (*Autobiographie, Poèmes en prose, Contes indiens*)

Moebius. *O Homem é bom?* [Por: Dorothee de Bruchard]. Porto Alegre: LP&M. Quadrinhos. (*L'Homme est-il bon?*)

Novaes, Adauto. (Org.) *Civilização e barbárie*. [Por: Dorothée de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. *Ensaios*.

Poe, Edgar. *O homem na multidão*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Florianópolis: Paraula, 1993. (*The man in the crowd*)

Pratt, Hugo & Stevenson. *A ilha do tesouro*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Porto Alegre: LP&M, 1983. *Quadrinhos*. (*L'Ile au trésor*)

Proust, Marcel. *A Morte de Baldassare Silvande e outras histórias*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Florianópolis: Paraula, 1997.

Rousseau, J. J. *Projeto para a educação do Sr. de Sainte-Marie*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Tradução e introdução. Florianópolis: Paraula, 1994. (*Projet pour l'éducation de M. de Sainte-Marie*)

Schwob, Marcel. *A cruzada das crianças*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Florianópolis: Paraula, 1996. (*La croisade des enfants*)

Swift. *Modesta Proposta*. [Por: Dorothée de Bruchard]. Florianópolis: Paraula, 1993. Tradução e introdução. (*A modest proposal*)

Vargas, Fred. *Fuja logo e demore para voltar*. [Por: Dorothée de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. (*Pars vite et reviens tard*)

Vargas, Fred. *O Homem do avesso*. [Por: Dorothée de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. *Romance policial*. (*L'homme à l'envers*).

Vargas, Fred. *O Homem dos círculos azuis*. [Por: Dorothée de Bruchard]. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. (*L'homme aux cercles bleus*). *Romance policial*.